



## EDUCAÇÃO PÚBLICA E PESQUISA: ATAQUES, LUTAS E RESISTÊNCIAS

Universidade Federal Fluminense  
20 a 24 de Outubro de 2019  
Niterói - RJ

ISSN 2447-2808

5732 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)  
GT22 - Educação Ambiental

Trilhas da Educação Ambiental Crítica no contexto de um Mestrado Profissional em Educação  
Jacqueline Magalhães Alves - Universidade Federal de Lavras

### **Trilhas da Educação Ambiental crítica no contexto de um Mestrado Profissional em Educação**

*A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.*

(Paulo Freire, A importância do ato de ler)

#### RESUMO

**Nesse texto abordamos questões acerca da Educação Ambiental crítica, no contexto do Mestrado Profissional em Educação, em uma Universidade Federal no sul de Minas, área de concentração Formação de Professores, na linha de pesquisa Ciência, Cultura e Ambiente. Trata-se do estudo inicial, de estudo do referencial teórico que abrange a história da pós-graduação no país até a recente constituição de Mestrados Profissionais e a história da educação ambiental, e de fontes documentais, como subsídios à elaboração de instrumentos de pesquisa qualitativa - questionário, entrevistas e grupo focal, a fim de aprofundar a análise sobre nossa área de trabalho, compreendendo, pela história de vida dos egressos do curso, como se fundaram interesses em buscar a pós-graduação em Educação e, especificamente, os estudos em Educação Ambiental, como desenvolveram os estudos do Mestrado e que caminhos tem trilhado, dando continuidade a ter as questões socioambientais como o *sulear* de sua práxis. Tal pesquisa possibilitará a avaliação do percurso em nossa área e a promoção de mudanças e conexões com outros programas de pós-graduação na área, no caminho do fortalecimento de grupos de pesquisa em Educação Ambiental crítica em Minas Gerais, ampliando vínculos no sudeste e com as demais regiões brasileiras.**

**Palavras-Chave:** Cultura e Ambiente, Saberes Docentes e Educação Ambiental, Pós-Graduação

#### Introdução

Nesse texto abordamos parte da pesquisa inicial, teórica e de levantamento de fontes primárias - documentos e dados dos estudantes e de suas dissertações no Mestrado Profissional em Educação, área de concentração Formação de Professores

e linha de pesquisa “Ciência, Cultura e Ambiente”. Na continuidade da pesquisa, buscamos, por meio da história de vida, conhecer o percurso desses estudantes e profissionais em campos da educação formal e não formal - com fins de avaliação do curso, área e linha de pesquisa, e de nossos egressos e fortalecimento/consolidação de um grupo de pesquisa e intervenções pelas questões socioambientais em Minas Gerais, tendo por referência a ecologia política e a justiça ambiental (LOUREIRO e LAYRARGUES, 2013), compondo com os demais grupos do sudeste, em busca de maior interlocução com as outras regiões do país.

Vivemos um tempo histórico marcado por grandes retrocessos, no geral, e em particular, em relação às políticas voltadas ao meio ambiente e à diversidade cultural; por grande violência e individualismo nas relações sociais; além de forte combate desinformado às universidades públicas e à sua história de, em meio às inúmeras contradições dos tempos vividos, produzir ensino/pesquisa/extensão (comunicação?). Nesse sentido, na conjuntura atual, é premente que se aprofundem e consolidem nossos estudos e nossa constituição de grupos de trabalho e de lutas, marcados por um cotidiano construtivo de *inéditos viáveis* que possibilitarão a produção de *outro mundo possível* (FREIRE, 2014).

A Pós-Graduação e o Mestrado Profissional em Educação: um pouco de sua história no Brasil

**A Pós-Graduação no Brasil, desenvolvida tardiamente a partir dos anos 1960, no contexto da ditadura militar, caracterizou-se por atendimento elitizado e voltado a articulações com o modelo norte-americano, formalizadas por meio de acordos com MEC USAID e subsidiada pelos relatórios Atcon e Meira Mattos (SILVA, 1996), e pelo Grupo de Trabalho para a Reforma Universitária - GTRU - qualquer semelhança com os dias de hoje não é mera coincidência, considerando-se os acirrados tempos e ciclos de busca de sobrevivência do sistema capitalista. Nas Universidades, historicamente, a premissa ensino-pesquisa, distinta da relação ensino-extensão que é colocada como “missão educativa”, decorre de demandas externas, pousadas em uma perspectiva de desenvolvimento que negava, e ainda nega, a construção da identidade e da diversidade de um povo, substituindo esse processo por uma ideia de desenvolvimento assentada na lógica do consumo e da dependência ao capital e à tecnologia estrangeira - o mito do desenvolvimento econômico, conforme Celso Furtado (FURTADO, 1974).**

Dessa forma, são aprovadas pelo MEC, para atender a ensino e extensão, mas ainda prioritariamente ao ensino, um assombroso número de instituições privadas, nesse período, explosão que vemos ocorrer novamente nos anos 1990, e atualmente com a marca da Educação à Distância como projeto e marketing, reservando-se as universidades públicas para o ensino-pesquisa, que atenderia à emergente classe média, que apoiava o regime vigente. Professores, professores em cargos de direção, trabalhadores da educação e estudantes, participantes de movimentos contra tal ideário dominante, são expulsos e caçados, nesse tempo sombrio.

**Para compreender melhor essa forma de constituição das instituições de ensino superior e da pós-graduação, é importante atentarmos também para as políticas voltadas à educação primária e secundária, assim denominadas até pouco tempo atrás. Todo o processo de se estabelecer uma educação formal para os primeiros anos de escolarização, em nosso país, também se caracterizou por processos de colonização, pela perspectiva dos europeus, pelos jesuítas e mais atualmente pelo imperialismo estadunidense. Porém, tal processo sempre teve diferentes incidências para a escola privada e para a escola pública, ao entendermos a marginalidade como fenômeno da escolarização, que, em uma perspectiva crítica, é analisada a partir da premissa básica de que a educação se realiza em sua dimensão macro - leis e políticas públicas que a garantem como direito ou não, e em suas relações micro - nas instituições educativas, em uma relação de grande dependência com a sociedade na qual se desenvolve (SAVIANI, 1988), como será denunciado em muitas lutas sociais e muitas pesquisas, levando a diferentes possibilidades no que se refere à qualidade do processo educativo nesses sistemas, que passam a concorrer e a evidenciar mazelas sociais e econômicas, nos trazendo até os dias atuais a um sistema educacional fragmentado, não orgânico.**

**Temos hoje uma perspectiva de Educação Básica ampliada, visto que pela Emenda Constitucional 59, de 2009, foi previsto que até 2016 estivesse assegurada a educação até os 17 anos como direito. Tal conquista se deu por meio de muita luta de trabalhadores da educação e de setores da sociedade, incluindo da Educação Infantil (0-5 anos) e o Ensino Médio, possibilitando o cuidado e o educar das crianças, bem como a vivência da juventude em sua formação para acessar o ensino superior e o mundo do trabalho. Apesar disso, as contradições e conflitos que marcam a história dessa educação, anterior ao acesso - e permanência - ao ensino superior, explicitam, de certa forma, a consolidação de um ensino superior público de qualidade elitizado, considerando que esse passa a atender pequena parcela da população. Dados do IBGE de 2010 apontam que tínhamos só quatro por cento, no ano 2000, da população com curso superior completo, o que passou, em 2010, para oito por cento. Lembremos que a universidade pública atende apenas a uma parte desse total.**

**No âmbito da pós-graduação, surge o primeiro curso de pós-graduação em educação, na PUC do Rio de Janeiro em 1965, com objetivos voltados à formação de professores bem como de docentes das universidades que atuavam como formadores desses profissionais. O desenvolvimento dessa área, assim como de outras, continua a ser marcado por profundas desigualdades regionais e por baixo atendimento ao número de educadores que desejaríamos buscar esse caminho para seu desenvolvimento profissional, e, fundamentalmente, para que essa formação pudesse ser pensada e concretizada como política pública para a formação de professores. Dessa perspectiva, potencializaríamos a produção de escolas, bem como de um sistema educacional, comprometidos, de fato, com o**

## **acesso e a permanência das e dos estudantes, sujeitos centrais de nosso trabalho (ARROYO, 2014). Sem ainda se falar da aprendizagem crítica e descolonizada.**

Mesmo nos Mestrados Acadêmicos em Educação, alguns programas passam a ter preocupação centrada no atendimento aos professores da Educação Básica, surgindo, assim, áreas de pesquisa com essa centralidade – ensino de ciências, metodologia de ensino, avaliação, produção de material didático, gestão etc.

É nesse contexto da valorização do trabalho de docentes da Educação Básica, como também, por outro lado, pela pressão pela melhoria da Educação Básica centrada na responsabilização dos professores, postos à prova por vários sistemas de avaliação externos à escola, que emerge a discussão acerca da possibilidade de se produzir cursos específicos de pós-graduação *Stricto sensu* para esses profissionais, surgindo, assim, o debate do que passaria a ser denominado como Mestrados Profissionais em Educação.

### O Debate no âmbito da ANPED e da ANFOPE

Nesse debate, a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação - ANPED e a Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação - ANFOPE vem marcando o espaço da crítica, no embate contra a desvalorização da docência, contra a banalização de nossa formação, precarizada em cursos considerados de “segunda linha” - como ocorre ainda hoje na supervalorização de bacharelados em detrimento das Licenciaturas, sem financiamento adequado, sem bolsas de estudos, sem a responsabilidade do sistema de ensino e das escolas para que os professores possam, de fato, realizar um processo formativo e uma pesquisa de qualidade, que respondam às reais necessidades da educação e de seus sujeitos, em seus variados contextos de vida, trabalho e cultura.

### A opção por um Mestrado Profissional em Educação na UFLA

A Universidade Federal de Lavras, como passa a ser denominada e reconhecida, em 1994, a antiga ESAL - Escola Superior de Agricultura de Lavras - instituída em 1908, só veio a abrir cursos de graduação na área da Educação em 2007 (tivemos a experiência do ProFormar em 2005, consórcio entre algumas universidades em Minas Gerais para curso de Pedagogia EaD). Nesse período, já contávamos com um significativo número de cursos de pós-graduação *Lato sensu*, semi-presenciais, pagos, sendo o único presencial e gratuito o da área de Educação, atendendo a muitos professores do município e da região. Voltando à formação inicial de professores, no decorrer dos últimos anos, foram-se consolidando alguns cursos de Licenciatura presenciais (atualmente são oito: Química, Física, Biologia, Matemática, Letras, Educação Física, Filosofia e Pedagogia). Com esse amadurecimento, com a participação em diferentes projetos: pesquisa na Educação Básica, programas de extensão, Prodocência, PIBID, LIFE, dentre outros, e com o crescimento do Departamento de Educação, acompanhado também da abertura de outros cursos e Departamentos afins, foi surgindo o interesse pela constituição de um programa de Mestrado, que acabou por se configurar como Mestrado Profissional em Educação, em decorrência de uma gama de condições objetivas que foram sendo consideradas, como a inserção na região, as demandas dos profissionais nela atuantes e nosso reconhecimento no trabalho com a formação de professores, o tamanho da equipe e a capacidade de pesquisa na área. Dessa forma, em 2011, iniciamos nosso programa de Mestrado Profissional em Educação, tendo como área de concentração a formação de professores.

-

### Constituindo linhas de Pesquisa para a formação de professoras e professores

Iniciamos nosso programa de Mestrado Profissional em Educação, tendo como área de concentração a formação de professores, delimitando algumas linhas de pesquisa que abrangiam: Gênero e Sexualidade, Tecnologias da Informação e da Comunicação, Educação Matemática, Linguagens, Teoria Crítica e Educação Ambiental.

A linha Educação Ambiental sempre recebeu um significativo número de candidatas e candidatos. Porém, desde o início percebemos que as e os estudantes e suas proposições de pesquisa ainda eram muito marcados por uma visão conservadora, pragmática e comportamentalista da Educação Ambiental.

Com os aprendizados de trabalhos anteriores, passamos a propor para a linha a denominação *Ciências, Cultura e Ambiente*, por meio do que buscamos ampliar a visão do que seja a Educação Ambiental, em uma perspectiva crítica, aprofundando estudos na Ecologia Política, no movimento da Justiça Ambiental, e, mais recentemente, a busca pelos estudos da decolonialidade e da Epistemologia e Ecologia do Sul. Importante ressaltar a caracterização socioambiental da região onde estamos inseridos, fortemente explorada e penalizada pelos crimes, na história e nos últimos anos, empreendidos pelo modelo colonizador e exploratório dos recursos naturais e do trabalho humano, por empresas multinacionais, na agricultura de grandes propriedades de monocultivos como o café e os plantios de eucaliptos, e também nos ramos da mineração e das hidrelétricas (NINJA, UFSJ, Gesta, UFMG, Mapa dos Conflitos Ambientais em Minas Gerais).

### Educação Ambiental como área de pesquisa e formação

A Educação Ambiental, tal como é reconhecida hoje como campo de políticas públicas, não só na educação como também em todas as áreas da organização da sociedade – planejamento das cidades, comunicação, como campo dos movimentos sociais, como campo de pesquisa, dentre outros processos, passa a ser reconhecida, formalmente, no Brasil, nos anos 1980. Tal marco relaciona-se ao que é denominado, no Brasil, de reabertura democrática, quando o país se revitaliza pela reorganização dos movimentos sociais e por uma riqueza de experiências em comunicação com as de outros países, e de brasileiros e brasileiras que sofreram a tensão do exílio, e produziram, nesse contexto instável e permeado pelo medo, ricos aprendizados e projetos, como reconhecemos em toda a obra do Prof. Paulo Freire, que muito embora tenha realizado seus estudos e produção teórica, bem como experiências de superação da analfabetização de populações adultas em São Tomé e Príncipe, na África (FREIRE, 2015) sempre nos trouxe a reflexão fundamental do contextualizar, partir da realidade local, do chão pisado para produzir o voo, o sonho, o desejo de conhecer e de transformar – o *sulear*, o questionar dos óbvios, a fim de que nada nos escape, e da opressão pelos poderosos.

### O enrijecimento da concepção pragmática e conservadora da EA na educação formal

O campo da Educação Ambiental, apesar de ter surgido de diferentes experiências, da busca da valorização da diversidade cultural e das lutas contra-hegemônicas, em um movimento de mundialização em contraposição à denominada globalização, ganha maior visibilidade nos meios de comunicação de massa com um formalismo exagerado dado por notícias e documentos legais que decorrem de Encontros Internacionais e Nacionais, que se formalizam por meio de diferentes Tratados e Acordos Internacionais assinados pelos representantes oficiais dos países representados nesses encontros, deixando à margem os movimentos sociais e os grupos alternativos que de fato movimentam esse tempo e esse debate de uma maneira crítica, desde os movimentos na França e nos EUA, até a América Latina, América do Sul e Brasil. Essas são marcas que nos colocam à frente o desafio e o compromisso de escovarmos a história a contrapélo (BENJAMIN, 1940).

#### Possibilidades para a EA crítica

-

Partir de nossas referências cotidianas, da comunidade e das escolas, de nossos territórios e territorialidade, nos possibilita avançar e ver significativamente os construtos da Ecologia política e Justiça ambiental, bem como o debate e as experiências do campo da Epistemologia do Sul/Decolonialidade/ Ecologia do Sul na EA crítica, de modo a aproximar a educação formal, e, sobretudo, a formação de educadoras e educadores, com todos os demais campos intrincados da produção de saberes, que são a base de uma práxis política e pedagógica, que tenha por fundamento o exercício da criticidade e da criatividade, suportados na atitude humana de agir e refletir, produzindo o novo.

-

-

-

#### Estudantes mobilizados pela EA: antecedentes, processo de pesquisa e inserção social/profissional

Apontamos a seguir o conjunto dos trabalhos que foram e vem sendo desenvolvidos no Mestrado Profissional em Educação, área de concentração Formação de Professores, na linha de pesquisa Ciências, Cultura e Ambiente que, a princípio, são representativos da busca pelo entendimento da Educação Ambiental de forma interdisciplinar, e em um caminho voltado mais à vivência, à escuta sensível que a projetos pontuais e isolados, o que é, sem dúvida, um urgente e premente desafio.

Alguns temas e títulos delimitados para a pesquisa na área Ciência, Cultura e Ambiente – Formação de Professores:

- Formação docente e perspectiva crítica para uma educação socioambiental;
- Potencial didático de uma Unidade de Conservação: perspectivas no contexto da formação inicial;
- Mobilização do conhecimento socioambiental de professores por meio do desenvolvimento de ações para conservação de nascentes urbanas;
- Educação Ambiental é currículo silencioso? Análise de Projetos Políticos Pedagógicos de escolas públicas do Ensino Médio de Alfenas, MG;
- “Eu te falei de Mariana, do rompimento da barragem?”: sussurros da Educação Ambiental entre profissionais da educação básica pública, Nepomuceno, Minas Gerais;
- O meio ambiente no ensino técnico: uma análise de currículo e de projetos em uma instituição federal no sul de Minas;
- A inserção da temática Meio Ambiente nos cursos de Licenciatura do IFMG: análise das possibilidades a partir dos Projetos Político-Pedagógicos e da visão dos Coordenadores;
- O Espaço da Interdisciplinaridade: reflexões sobre a prática como professor de Geografia;
- Concepções de Natureza na Filosofia: contribuições à Educação Ambiental;
- A construção de um Coral na EE João Batista Hermeto: diálogos entre a música, a cultura e o currículo escolar;
- Desafios da Gestão Escolar: responsabilidades e contribuições na produção do ambiente na escola e em seu entorno;
- Vivências Escola-Comunidade: compreendendo as questões socioambientais no ensino da Biologia;
- Relações entre Políticas Públicas para Meio Ambiente e o Currículo Escolar;
- Experiências socioambientais em Escolas no Maranhão em áreas de monoculturas e exploração de recursos ambientais e do trabalho;
- Interdisciplinaridade e produção de coletivos de professoras para uma educação emancipatória;
- Trabalho interdisciplinar em uma escola do campo;
- O projeto político pedagógico de uma disciplina em curso técnico em agropecuária;
- O Ensino de Geografia e a Condição Docente;
- Perspectivas Decoloniais na Formação de Professores;
- Educação do campo e contexto socioambiental;
- Formação continuada de professores e o tempo extraclasse;
- Como trabalhar a indisciplina na escola do campo;
- Conflitos escolares;
- A pesquisa na formação continuada de professores.

Esse conjunto de olhares para a realidade que os movimenta, enquanto educadores e pesquisadores, muitas vezes, da sua própria prática ou de seu próprio contexto, conduz a trilhas de aprendizado cada vez mais sensível, compreendido à luz da história, e potencializadores do exercício permanente da reflexão, produzindo novas relações de confiança e transformação do local, com reflexos à transformação global.

#### O grupo de estudos Ciência, Cultura e Ambiente – Cicuta

-

Desde o início do curso de Mestrado Profissional em Educação, além das disciplinas cursadas e do projeto de pesquisa desenvolvido pelas e pelos estudantes, em sua maioria, profissionais da Educação Básica pública, nos desafiamos a constituir espaços e planejamento pelo coletivo para a constituição de um Grupo de Estudos de pensadores e temáticas de grande relevância para a consolidação de um campo de trabalho e pesquisa. Designamos como desafios essa experiência por termos o curso organizado apenas em dois dias da semana, a fim de possibilitar a formação de profissionais da educação na região e que estão, concomitantemente, em atuação em suas escolas, na Educação Básica e no Ensino Superior, muitas vezes em cargos de gestão e em sala de aula, em mais de um turno.

Marcado pelas dificuldades de participação desses estudantes do Mestrado, o grupo tem vivenciado seus desejos e suas frustrações. Atualmente, o Grupo de Estudos *Cicuta* vem sendo reestruturado, de modo que os encontros se realizem com a participação dos que moram no município ou que possam estar presentes de alguma maneira e também com uma sala virtual para possibilitar a participação de todos.

#### Algumas Considerações:

Na dinâmica contraditória e conflituosa dos tempos vividos na atualidade, sem dúvida permeada pelo medo e por grande apreensão pelas perdas em leis e políticas públicas que vinham, pelas lutas e conquistas dos movimentos sociais, gerando uma almejada democracia participativa, buscamos enxergar e nos movimentamos de modo a evidenciar e fortalecer novas - e velhas - perspectivas na Universidade, ampliando a interação com movimentos da juventude e de sua diversidade representados, fora e dentro do espaço acadêmico, pelo Movimento de Atingidos por Barragens - MAB, pelo Movimento dos Sem Terra - MST, pelos movimentos pelas raízes históricas e culturais trazidas no Maracatu, na Capoeira, nos concursos de Poesia, no Movimento Estudantil, nos fortalecendo mutuamente, valorizando e produzindo outras relações entre saberes.

Nessas relações, na produção da pesquisa e da formação de educadoras e educadores, um debate que marca e é sempre recorrente em nosso Mestrado Profissional é que no decorrer do curso é preciso delinear, a partir de suas realidades um problema a ser compreendido e de alguma maneira resolvido. Nesse processo, define-se que ao final, para avaliação da/do estudante e com o objetivo de ampliar os processos de pesquisa e extensão/comunicação na área de estudo, passa a ser dominante a ideia de que nesse mestrado, especificamente, deve-se apresentar um **produto** para a solução do problema identificado. Nesse sentido, propomos como reflexão que possamos mergulhar e ter como experiências inspiradoras o **processo** e não o produto, na perspectiva de se mobilizar o desenvolvimento de professores reflexivos acerca de seu contexto, da prática da democracia participativa em sua escola e em sua comunidade. Considerar os professores como intelectuais em contraposição a tê-los como executores de projetos definidos por modelos curriculares, por gestores e pelo mercado dos materiais didáticos, que são ferramentas renovadas para a mercantilização da educação.

Nesses caminhos, idas e vindas, nos inspiramos em Brecht, compreendendo os ciclos da história e a dinâmica de nossas relações e comprometimentos na produção do mundo e do conhecimento:

Que tempos são esses em que falar de árvores é quase um crime pois implica silenciar sobre tantas barbaridades (Aos que vão nascer, Poemas de Svedeborg)

Nós vos pedimos com insistência:  
Nunca digam - Isso é natural!  
Diante dos acontecimentos de cada dia,  
Numa época em que corre o sangue  
Em que o arbitrário tem força de lei,  
Em que a humanidade se desumaniza  
Não digam nunca: Isso é natural  
A fim de que nada passe por imutável.

Bertolt Brecht

#### **Referências**

ARROYO, Miguel. (2014). *Imagens Quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

BENJAMIN, Walter. (1940) Teses sobre o conceito da história.

BRECHT, Bertolt. (2000). *Poemas 1913-1956*. São Paulo: Editora 34.

FREIRE, Paulo. (2015). *A Importância do Ato de Ler em três artigos que se completam*. São Paulo, SP: Cortez Editora.

FREIRE, Paulo. (2014). *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra.

FREIRE, Paulo. (1996). *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra.

FREIRE, Paulo. (1977). *Extensão ou Comunicação*. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra.

FURTADO, Celso. (1974). *O Mito do Desenvolvimento Econômico*. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra.

GATTI, Bernardete A. (2001). Reflexão sobre os desafios da pós-graduação: novas perspectivas sociais, conhecimento e poder. *Revista Brasileira de Educação*. (pp.108-116 )

GIROUX, Henry. (1997). *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Editora ArtMed.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. (2017). *Sustentabilidade e Educação: um olhar da ecologia política*. São Paulo, SP: Cortez Editora.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. e LAYRARGUES, Philippe Pomier. (2013). Ecologia política, justiça e educação ambiental crítica: perspectivas de aliança contra-hegemônica. *Revista Trabalho, Educação, Saúde*. Rio de Janeiro. (v. 11, n. 1, pp.53-71 )

SAVIANI, Dermeval. (1988). *Escola e Democracia*. São Paulo, SP: Editora Cortez.

SILVA, Franklin Leopoldo e. (2001). Reflexões sobre o conceito e a função da universidade pública. *Estudos Avançados*, 15 (42), 295-304.

<http://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/observatorio-de-conflitos-ambientais/mapa-dos-conflitos-ambientais/> Acesso em 10/abril/2019.